

RELAÇÕES ENTRE VIOLÊNCIA E CULTURA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Aluna: Michelle Valadão Vermelho
Orientador: Karl Erik Schollhammer

I - Introdução

Uma nova concepção de arte se instaura na contemporaneidade. Estamos vivenciando um período em que a arte gira em torno dos efeitos ético e político. A partir desta perspectiva podemos dizer, assim como Hal Foster afirma, que na literatura e nas artes em geral a *volta ao real surge*, abrindo espaço para aproximação do objeto artístico ao atingível, para que este, por sua vez, obtenha uma força ética de transformação do sujeito, isto é, do mundo objetivo e subjetivo.

Este novo tipo de realismo, do qual nos referiremos na presente pesquisa, não se trata do realismo social/histórico das décadas de 30 e 70 do século XX, em que a representatividade realizou-se através da verossimilhança ou da mimesis, mas sim de um *realismo afetivo*, cuja principal característica está em representar o real por meio da própria realidade. Dessa forma, no realismo afetivo tudo se torna real a partir do momento em que não existe mais uma tentativa de instituir fronteiras entre o ficcional e o documento em questão. Esta estética conceituada como afetiva compromete-se em estabelecer, pela utilização de um efeito de realidade, intervenções no sentimento e na emoção do espectador ou leitor, de forma que este se enxergue como participante ou, até mesmo, identifique-se com a obra de arte, envolvendo-se afetivamente com a realidade nela retratada.

Através da retratação da realidade, o compromisso ético e social da arte tem sido manifestado nas produções artísticas brasileiras como uma tentativa desesperadora da cultura de intervir constitutivamente sobre a mesma realidade. Percebe-se que, nesta tendência, artistas, intelectuais e ativistas em projetos culturais surgem como os enunciadores de uma mesma problemática: a violência. Esta é tratada mais especificadamente na literatura e no cinema como uma ausência de negociação social existente no contexto político brasileiro. Nesse sentido, a pesquisa irá analisar as representações da violência nas artes, delimitando como foco o *neo-documentarismo* popular que, através dos relatos testemunhais, autobiográficos e confessionais, dá voz aos excluídos. Portanto, parece possível afirmar que o *neo-documentarismo* popular ganhou expressividade e legitimidade a partir das inúmeras biografias históricas e reportagens jornalísticas lançadas recentemente sobre a realidade marginal do crime e da violência.

II - Objetivos

A pesquisa, ainda em fase inicial, pretende investigar o que ocorrera de produtividade cultural em torno do massacre de presidiários durante a suposta rebelião carcerária na Casa de Detenção do Carandiru, no ano de 1992. Visto que os assassinatos a sangue frio de 111 presos ocorreram devido à intervenção das forças especiais do GATE, Carandiru despertou a atenção de cineastas, escritores, artistas plásticos e dramaturgos, gerando a produção de obras que representassem a realidade da violência carcerária no Brasil. Dessa forma, o massacre foi

escolhido por muitos como emblema de denúncia contra o autoritarismo e a ineficiência dos sistemas criminal, judicial e penal.

III - Metodologia

Por ainda estar em fase inicial, a primeira etapa deste projeto buscou analisar brevemente as relações entre violência e cultura dos anos 60 até o início do século XXI, fazendo um levantamento de obras artísticas que tivessem como característica principal a retratação da violência. Como suporte teórico utilizou-se: *Os novos realismos na arte e na cultura contemporânea* (Karl Erik Shollhammer) e *The Return of the Real* (Hal Foster).

Após essa etapa, delimitou-se como foco a investigação das representações da violência no livro *Estação Carandiru* (Dráuzio Varella) e o que este desencadeou de produções artísticas a respeito do sistema carcerário. Portanto, ainda nesta fase inicial, estamos analisando as obras que, nas formas de neo-documentarismo popular baseados nos relatos testemunhais, biográficos e confessionais, deram voz aos presos sobreviventes, tais como: *Memórias de um Sobrevivente* (Luiz Alberto Mendes); *Sobrevivente André do Rap* (Organizado por Bruno Zeni); *Diário de um Detento* (Jocenir); *Pavilhão 9 – Paixão e Morte no Carandiru* (Hosmany Ramos) e *Letras de Liberdade* (coletânea organizada por Fernando Bonassi).

No cinema, estamos utilizando como análise o filme *Carandiru* (adaptação de Hector Babenco) e o documentário *Prisioneiro das grades de ferro* (Paulo Sacramento) que retratam também a vida carcerária.

IV - Conclusões

A conclusão provisória desta presente pesquisa apresenta o massacre do Carandiru como principal emblema de denúncia utilizado pelos artistas a partir da década de 1990. Os futuros encaminhamentos apontam que *Estação Carandiru* e, principalmente, a retratação da vida no cárcere nesta obra legitimaram, de algum modo, as obras de mesma temática, com os relatos biográficos, testemunhais e confessionais dos presidiários, e também abriram espaços para as vozes marginais. Parece que esta tendência tem invadido os mercados editoriais. Desta forma, pode-se afirmar que ressurgem uma nova literatura testemunhal, produzida por pessoas excluídas do meio literário como prostitutas, criminosos, presidiários, ex- presidiários ou de pessoas que trabalharam em casas de detenção. Conseqüentemente, essas obras retratam uma realidade da marginalidade e do crime em forma de denúncia, utilizando a arte como um instrumento de intervenção ou até de transformação no mundo real e objetivo.

Referências

SCHOLLHAMMER, K.E. 'Os novos realismos na arte e na cultura contemporânea'. In: **Comunicação, representação e práticas sociais**. PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro e FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. Rio de Janeiro. Ed.PUC, 2005.

FOSTER, Hal. **The Return of the Real**. Cambridge, Massachusetts; London: MIT Press, 1996.